

Comum de Dois: O debate acerca do gênero na perspectiva queer e feminista do sujeito travesti.

Rodrigo Márcio Santana dos Santos

Universidade Federal da Bahia, rodrigo.marcio28@gmail.com

Resumo: Atualmente há grande debate proposto pelas pesquisadoras, estudiosas e movimentos sociais acerca das pessoas transgêneros e/ou de identidades não-binárias, que desconstruem e tensionam a dicotomia e engendramento sexo/gênero que pautam o funcionamento da sociedade. Para tanto pensar no rompimento dos padrões de gênero é desestabilizar os lugares sociais que os mesmos são construídos na lógica masculino-feminino-homem-mulher que enlaça este lugar através da biologia. Para muitos, o processo da não binearidade é possível pensar no contexto da dualidade biológica do sexo, como as pessoas intersexo, ou aquelas que (muito raramente), nascem sem nenhum tipo de órgão sexual. Estas pessoas, ao longo de suas vidas serão empurradas a identificar-se com um gênero, mas, podendo de acordo com a percepção que possuem de si e de suas vivências no mundo não enquadrar-se nas normas sociais estabelecidas. Baseado na discussão sobre cisnormatividade, este trabalho vem problematizar o debate de gênero e dissidências sexuais e corporais através das letras de música da compositora e cantora Linn Quebrada que se identifica como bicha, viada, transviada, transgênero, bicha travesti, para fomento da discussão terá como base nas teóricas feministas e na perspectiva queer. A Linn é considerada cantora revelação pelo seu ativismo na sua performance artística, corporal e política nas apresentações.

Palavras-chave: Feminismo, Gênero, Queer, Travestilidade, Linn Quebrada.

Adicionar entre três e cinco palavras-chave que devem ser escritas na linha seguinte, separadas entre si por vírgula e finalizadas por ponto. Deixar 1 linha em branco.

Introdução

“Essa questão das pessoas que são comuns de dois gêneros, elas não são nem masculinas e nem femininas, elas são os dois ou até um outro terceiro gênero que a gente ainda não sabe dar nome. Algumas pessoas chamam de travesti ou de crossdresser”, declarou (Pitty).¹

A declaração da cantora Pitty no ano de 2011, carrega em seu bojo o debate bastante atual proposto pelas pesquisadoras, estudiosas e dos movimentos sociais acerca da questão dos sujeitos transgêneros e/ou de identidades não-binárias que borram a dicotomia e engendramento sexo/gênero que pautam o funcionamento da sociedade. Para tanto pensar no rompimento dos padrões de gênero é desestabilizar os lugares sociais que os gêneros são construídos masculino-feminino-homem-mulher que enlaça este lugar através da biologia.

¹ Esta é a fala da cantora Pitty para a Revista “Billboard Brasil” onde em sua canção ela tensiona as normatividades e questões de gênero. Disponível em : <https://stophomofobia.wordpress.com/2011/04/11/pitty-fala-sobre-musica-inspirada-no-cartunista-laertecomum-de-dois/>. Acesso em 30 de setembro em 2017.

De acordo com Joan Scott (1995) o gênero é uma percepção acerca das diferenças sexuais, de tal modo hierarquizar as diferenças que cristaliza a maneira de ler a sociedade de modo dual, de modo a considerar as diferenças sexuais dos corpos. Para autora as distintas formas como constroem significado culturais para a diferença que gera a subalternização nas relações de gênero.

Para autora “gênero” substitui o termo mulheres, para designar as relações sociais entre os sexos, pois seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, aprisionando o ser mulher na sua capacidade de procriação e homem na sua força muscular. Scott (1995), ainda afirma que

Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. Ainda que os/as pesquisadores/as reconheçam a conexão entre sexo e aquilo que os/as sociólogos/as da família chamaram de "papéis sexuais", esses/as pesquisadores/as não postularam um vínculo simples ou direto entre os dois. O uso de "gênero" enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade (pág.75).

A teórica Rubin no seu ensaio O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a “Economia Política do Sexo (1975) estudava o sistema sexo/gênero através da opressão e subordinação das mulheres a partir de Marx, da relação parental e da psicanálise onde o autor afirmava que as áreas reiteravam o lugar de submissão da mulher e o sistema sexo/gênero. Para Rubin (1993), a agressão e a dominação inatas masculinas estão na raiz da opressão feminina que indaga como transforma a mulher(fêmea) entenda-se como sexo biológico/natureza numa mulher domesticada (fêmea) que os arranjos sociais que colocavam a mulher em tal situação e que poderia haver o deslocamento a através da igualdade de gênero.

Segundo Oakley (1972) sexo é um termo biológico e gênero é cultural. A autora no seu texto “Sexo e Gênero” problematiza os papéis de gênero relacionado ao sexo pela intersexualidade nos estudos do psicólogo Robert Stoller que no seu livro Sexo e Gênero (1968) definiu a relação entre os termos que há dois sexos masculino e feminino, para determinar o sexo é preciso de um aparato biológico interno e externo e gênero é um termo com conotações mais psicológicas e culturais do que psicológicas ou ainda para que o gênero é a quantidade de masculinidade ou feminilidade encontrada na pessoa.

De acordo com (Swan,2000) a auto representação das mulheres não está em si, numa performance social baseado na sua genitália, mas na adoção de elementos de um ato performativo que criador do sujeito biológico, feminino nomeando e designando-lhe seu lugar e papel de gênero, ou seja, podemos dizer que o sexo é nomeado a partir da construção social do gênero.

Para a problematizar o debate de sexo e gênero analisou algumas/ alguns pacientes

extraí(d)os do livro do psicanalista e especialista em distúrbios de identidade de gênero Stoller (1968) que estudou as questões de gênero e sexualidade. Nas suas pesquisas Stoller abarca o entrelace e a construção do gênero a partir dos sujeitos de garotos sem pênis tornam-se homens normais, garotas com pênis e sem útero mulheres ou masculinização de corpos femininos bem como a feminização dos corpos masculinos (OAKLEY,1972).

Para muitos o processo da não binearidade é possível pensar no contexto a dualidade biológica do sexo afinal, existem as pessoas intersexo, ou aquelas que (muito raramente), nascem sem nenhum tipo de órgão sexual. Estas pessoas, ao longo de suas vidas irão identificar-se com um gênero (ou com nenhum deles), de acordo com a percepção que possuem de si e de suas vivências no mundo.

O gênero é corroborado para autoras (Butler,2003; Oakley 1972) que não está no biológico, e sim ele é uma interpretação do corpo dada pela cultura, que designa, por relações semióticas arbitrárias, o que é masculino e feminino. Comumente a pessoa quando está grávida a primeira pergunta que feita socialmente se já viu o sexo e em seguida da pergunta menina ou menino que já impõe a história desse sujeito pautada no seu sexo como nome, cor, brincadeiras, brinquedos, profissão, expressão sexual entre outros marcadores. Logo pode-se afirmar que o gênero é pré-discursivo ele já enquadra o sujeito ainda na sua fase fetal de modo que é pressuposto e performático.

Pensar a feminilidade e a masculinidade, na perspectiva bulteriana (2003), é retratar o gênero como performativo, ou seja, ele pode ser definido como “efeito de uma performatividade”, onde o gênero é uma série de ‘atos’ repetidos, que estão aberto rupturas mediante no meio que o sujeito está inserido e o quanto ele tem estrutura subjetivas. As performatividades de gênero, acontecem no âmbito da repetição, da encenação das normas de gênero estabelecidas e construídas socialmente em cada sociedade. Tais normas sociais são produzidas e reproduzidas pelos sujeitos que reiteram através dos seus comportamentos, dos atos (re) interpretados e repetidos, mas com possibilidades de serem renovados e ressignificados a partir do tensionamento no engessamento de gênero que que é colocado socialmente. A performatividade de gênero é imprescindível como ato político para o lugar dos sujeitos que constituem a margem da normatividade considerados abjetos ou aquelas/aqueles do não-lugar.

Para este ensaio será discutido o conceito de gênero a partir da teórica feministas e pensadoras queer entrelaçado aos recortes das letras das músicas “Pirigosa”, “Blasfemea|Mulher”, da cantora e compositora Linn Quebrada que traz no seu corpo as marcas de sua canção. A Linn se considera mulher, bicha transviada, travesti, transgênero que rompe as normas dos marcadores sociais de gênero. Nas suas composições Linn, questiona a binaridade, o deslocamento da identidade de gênero no sexo e o empoderamento das travestis, transgêneros e pessoas não- binárias. Na sua composição Blasfemea|Mulher discuta a performance da mulher e sua resistência ao machismo e sexismo, e o lugar da mulher está nos sujeitos e sua atuação no social. Segundo Foucault (1998), onde existe poder há resistência nestes corpos que existem e personificam através das performances, (re)construção de sua política como da cantora Linn Quebrada. Swan (2000, pág.69) afirma que “O sujeito aparece na medida em que se corporifica, como explicita Tereza de Lauretis "Este sujeito [...] é o lugar no qual, o corpo em quem, os efeitos significantes do signo se

fixam e se realizam."". A autora Swan (2000, p.69) aponta que

“Nas representações sociais relacionadas em linguagens e imagens traduzem o gênero em corpos sexuados e o desnudamento deste mecanismo permite a inversão das polaridades do sistema de sexo/gênero: assim, é o gênero que cria o sexo. O sexo biológico deixa de ser o significante geral que abriga o binário sexual e passa a ser igualmente signo produzido no próprio seio do agenciamento social. Neste sentido, é performativo, como sublinha Butler, instalando sua realidade no próprio discurso que o descreve. Assim, o sexo passa a ser pensado "[...] não mais como um dado corporal sobre o qual o construto do gênero é artificialmente imposto, mas como uma norma cultural que governa a materialização dos corpos"".

Corpos, Gêneros, Dissidências

Nos anos 70, as feministas diziam que o privado é político, pois determinar papéis e espaços, fixar identidades é finalmente, "conduzir a conduta", ação essencial do exercício do poder. No entanto, para além das normativas identitárias, há o domínio do "abjeto", do espaço marginal ao "verdadeiro sexo" binário, outras identidades que são expressadas de modo mais livre e saudável como por exemplo a "verdadeira lésbica", o "verdadeiro travesti", transexual, drags, crosdresser entre outros. Todas e todos afirmando a sua sexualidade em torno da sexualidade e sexo, reivindicando lugares de fala e de ser. Todos aprisionados em corpos sexuados obrigados à sensualidade, à sexualidade, única forma de afirmar sua existência (SWAN,2000).

O corpo não é apenas discursivamente construído, é objetivado numa escala de valores e atributos que além das identidades, estabelecem seus critérios "verdadeiros": a "verdadeira mulher", sedutora, bela, implacável, imagem à qual procuram se identificar milhões de seres marcados no feminino e paralelo corroborando este lugar e negando o masculino o "verdadeiro homem", macho empedernido, coração seco e músculos túrgidos (SWAN,2000).

Segundo Benedetti (2005), este processo de mudança das travestis é quase um segundo nascimento. No entanto este "nascer" novamente não é apenas de gênero ou corpo mais toda conjectura e subjetividade do sujeito que ocorre diante de tais transformações, como mudança na forma de tratamento perante a sociedade – elas não querem ser reconhecidas pelo seu sexo biológico e sim pela sua identidade social inclusive fazendo uso do nome social em todas as instâncias sociais.

O corpo 'construído' pela travesti num corpo que deve atender seus propósitos subjetivos e privados, enquanto desejo de ser mais feminina, ter cabelos mais compridos, entre outros, mas atende também propósitos objetivos e públicos, uma vez que seu corpo será um meio de trabalho visto por clientes que buscam prazer. O corpo não é apenas como sinônimo de organismo é nele também que se registra a dor, o medo, o prazer e a marca do tempo, esse mesmo corpo é o que que incorpora; que dança; que se doa; que fora modificado, que sente e se faz sentir, se modifica a cada dia. Sofre as ações do tempo, contudo, agora esse mesmo corpo pode deixar de carregar o peso negativo da atração "para ser, agora, o corpo liberto de controle social" (Casteleira, 2012).

Nesse jogo de rompimento das normas as travestis transitam nas posições sexuais e mais uma vez tensiona o gênero, pois apesar de ter uma performance reconhecida socialmente feminina como revela a informante de Pelúcio (2004):

“Alguém com “bundão” e “peitão”, toda arredondada, mas que pode ser “ativo”, “fazer o papel de homem”, se as circunstâncias exigirem, assim é Samantha. Ao mesmo tempo em que desestabiliza com sua performance a dualidade de gênero, reproduz em seu discurso a visão do sexo binário. Ela, sem pelos e com seu enorme quadril, deveria está no pólo feminino, o passivo. O homem que abdica do seu papel de ativo é prontamente inferiorizado por ela, pois recusa a sua posição de domínio. Afinal, é Ela, que atribui para si as qualidades socialmente dadas do feminino, quem deveria estar “fazendo o papel de mulher”. Desta forma a “ordem” das coisas estaria mantida. Ao fim, Samantha reproduz a violência simbólica androcêntrica. No seu discurso, o atributo legitimador da masculinidade ainda é o pênis/ativo. Ela segue e persegue o gênero que lhe é socialmente atribuído: o feminino. Este aparece como condição do dominado, do “homem” que abdicou de sua “virilidade” ao se relacionar com outros homens. Ao mesmo tempo em que manipula os gêneros, num jogo em que mescla sobrevivência e reflexão sobre sua condição(pág.130)”.

A cantora Linn Quebrada também provoca as normativas através das suas músicas e para exemplificar utilizo verso da Pirigosa onde ela diz “Se metade me quer (ahã)/ e a outra também (pois é)/Dizem que não sou homem/Nem tampouco mulher” revela o desejo masculino pela transgênero e também o desejo feminino pela mulher transgênero que é pouco discutido acerca do interesse sexual das mulheres cis por mulheres transgêneros.

Ainda neste verso a compositora evoca questionamento de não ser homem e nem ser mulher e o discurso das ciências médicas que tem seu discurso amparado na biologia para dizer o que ela é a partir do seu sexo e a cantora continua refutando e confirmando o seu lugar a partir da sua identidade como pontua (Swan,2000) e desloca a sua constituição de pessoa do seu sexo “Então olha só, doutor! /Saca só que genial/Sabe a minha identidade? Nada haver com a xota e pau! Viu?”. A medicina, como propõe Foucault é o discurso moderno do controle e normatização como discute Foucault, transformando os corpos em instrumentos de regulação e controle biopolítico. Oakley (1972) cita os casos dos sujeitos intersexuais nos seus estudos que é o saber médico que decide acerca do sexo da criança, percebe-se então o controle higienizador e normativo das ações médicas. Contudo, os corpos das transgêneros são construídos sobre outra ótica utilizando e manipulando diversas tecnologias o uso de hormônios, uso e manipulação dos saber médico como agulhas e seringas, para injeção de silicone industrial.

Este corpo como político busca a sua identidade e reconhecimento de gênero e na sua adequação “rebelam-se” contra o natural o que foi determinado biologicamente e imposto ao padrão heteronormativo. Pelúcio (2004) afirma que assim, o gênero é processo e discurso. Processo que envolve a fabricação e

construção de si e subjetividade, materializada em um corpo transformado. E discurso, na medida em que, ser ou não ser homem (ou mulher) pode independer desse mesmo corpo. Segundo Pelúcio (2004)

“Passam a alterar seus corpos para que sua condição de gênero feminina se apresente num corpo também considerado feminino a partir de uma reinterpretação dos usos e dos conhecimentos médicos” (Benedetti 1998:7). Mas do que intervirem no corpo no sentido de “corrigi-lo” ou “aperfeiçoá-lo”, as travestis “visam [com essas intervenções] uma transformação moral, em termos de práticas, comportamentos e percepções de sua identidade social [...] A identidade travesti está antes associada à fabricação de um novo corpo do que as ser rotulado com os termos do gênero feminino – ‘ela, menina, bicha’ etc.” (Kulick citado por McCallum 1999). As travestis sabem disso muito bem. Manipulam classificações, constroem e desconstroem hierarquias de gênero, buscando se autodefinirem, a fim de se tornarem sujeitos. Onde acaba o homem e

começa a mulher? Não há fronteiras rígidas nesses corpos, por isso eles perturbam e fascinam. Porém, não se trata de reproduzir aqui o discurso social dos “corpos imiscíveis”, mas de entender a construção desses corpos orientada por duas perspectivas sobre corporalidade: uma advinda do universo burguês/individualista e outra do popular/holista. Aí reside a ambiguidade(pág.141).

As travestis transgridem (ainda que sem o saber) as fronteiras de gênero movidas pelo seu desejo de evidência de uma “corporalidade construída” a partir da lógica do seu desejo, desde da tenra idade onde vivenciam o peso da diferença a partir da infância; quando são apenas crianças e apresentam comportamentos afeminados são vigiados pelos pais e sociedades. Na adolescência a discriminação é cada vez mais intensificada, sendo incluídas neste repertório, as agressões verbais e físicas. Na fase adulta e na velhice, essas violências chegam ao ápice com o seu possível assassinato (PELÚCIO,2004).

A teórica Bento (2006) sobre a gênero afirma que é uma tecnologia pautada na heteronormatividade que ratificada pelos meios sociais como escolas, família, linguagem, o saber médico que corpos-homens e corpos-mulheres. A “naturalização” dos corpos é um dos dispositivos para a manutenção e reprodução do discurso da heterossexualidade natural, ou seja, partir do pressuposto que todos os corpos são fixos e heterossexuais. Os corpos não estão livres de investimentos discursivos, a sua materialidade deve ser analisada como efeito de um poder e o sexo não é aquilo que alguém tem ou uma descrição estática. O sexo é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade e existência (BENTO, 2006). Para autora

O sistema binário dos gêneros produz e reproduz a idéia de que o gênero reflete, espelha o sexo e que todas as outras esferas constitutivas dos sujeitos estão amarradas a essa determinação inicial: a natureza constrói as sexualidades e posiciona os corpos de acordo com as supostas disposições naturais. No entanto, como aponta Butler (1999), quando a condição de gênero se formula como algo radicalmente independente do sexo, o gênero mesmo se torna vago e, talvez, neste momento, se tenha de pensar que não existe uma história anterior à própria prática cotidiana das reiterações. Reiterar significa que é através das práticas, de uma interpretação em ato das normas de gênero, que o gênero existe. O gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São estes sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo. Essas infundáveis repetições funcionam como citações e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros, tendo como fundamento para sua existência a crença de que são determinados pela natureza (BENTO,2006p.4).

Nessa lógica da binaridade e reiteração e na performatividade de Butler (2003) a Linn Quebrada corrobora ao expressar da necessidade expressa através da confirmação da necessidade de não ser mais homem ou mulher de poder assumir e afirmar do lugar da não binaridade ou será do sujeito transgênero não-binário? A interprete ao cantar Se metade te quer (ahã)/E a outra também/Não Precisa mais ser homem nem mulher/Então eu tô Bem/, ela retoma o desejo para afirmar o seu lugar através da diferenciação da mulher cis e homem cis e confirma dizendo que ela está bem sendo desejante dos polos e não está em nenhum deles.

Na estrofe da música “Mulher” Linn novamente borra as questões de gênero e o lugar da mulher seja ela cis ou trans ao deixa que o interlocutor elabore de qual mulher ela esta falando nesse verso “ Ela tem cara de mulher/Ela tem corpo de mulher/Ela tem jeito/ Tem bunda/E o pau de mulher ! Nos primeiros três versos supracitados aparece como a repetição

da performance do feminino que Butler (2003) aborda tem tudo igual a uma mulher, contudo no final da estrofe a cantora encerra afirmando que o pau de mulher. Esse pau na teoria freudiana machista significa o poder, centro de funcionamento da sociedade e dos indivíduos que reverbera numa sociedade opressora para as mulheres e nas performances do feminino significa o falo que está representado na imagem do pênis, cabe ressaltar que pau é sinônimo popular do órgão citado.

A interprete coloca que o pau de mulher ela não carrega o elemento do masculino para si, mas ressignifica para ela este lugar fálico privilegiado aos homens e afirma que é o pau de mulher. Cabe ressaltar que, na lógica da performatividade de Butler (2003) os sujeitos abjetos pela norma são possível pensar a fragilidade ou a ilusão da normatividade retirando os sujeitos excluídos do lugar da margem ou da patologia.

Butler no texto *Corpos que pesam*: sobre os limites discursivos do “sexo” que a performatividade do “sexo” é contrária ao desejo do sujeito que surge mediante do funcionamento na norma ou aquelas/aqueles que estabelece com a normatividade o lugar do rechacamento. Contudo o agenciamento dos sujeitos permite que ele tenha com a norma o lugar de prática reiterativa ou rearticulatória imanente ao poder e não como uma relação de oposição externa ao poder. A autora acredita que na reformulação da performatividade (2000, p.)

(a) a performatividade de gênero não pode ser teorizada separadamente da prática forçosa e reiterativa dos regimes sexuais regulatórios; (b) a explicação da agência condicionada por aqueles próprios regimes de discurso/poder não pode ser confundida com o voluntarismo ou o individualismo, muito menos com o consumismo, e não pressupõe, de forma alguma, um sujeito que possa escolher; (c) o regime da heterossexualidade atua para circunscrever e contornar a “materialidade” do sexo e essa “materialidade” é formada e sustentada através de — e como — uma materialização de normas regulatórias que são, em parte, aquelas da hegemonia sexual; (d) a materialização de normas exige aqueles processos identificatórios pelos quais as normas são assumidas ou apropriadas, e essas identificações precedem e possibilitam a formação de um sujeito, mas não são, estritamente falando, executadas pelo sujeito; (e) os limites do construcionismo ficam expostos naquelas fronteiras da vida corporal onde corpos abjetos ou deslegitimados deixam de contar como “corpos”. Se a materialidade do sexo é demarcada no discurso, então esta demarcação produzirá um domínio do “sexo” excluído e deslegitimado. Portanto, será igualmente importante pensar sobre como e para que finalidade os corpos são construídos, assim como será importante pensar sobre como e para que finalidade os corpos não são construídos, e, além disso, perguntar, depois, como os corpos que fracassam em se materializar fornecem o “exterior” — quando não o apoio — necessário, para os corpos que, ao materializar a norma, qualificam-se como corpos que pesam.

O corpo funciona com as normas para garantir a manutenção da hegemonia heterossexual de modo que esses corpos possam dominar os corpos abjetos e garantir as normas de gênero. O controle da performatividade é controlar o que é da condição humana das suas possibilidades e fluidez é conter o masculino e feminino na normativa. A Linn Quebrada nas suas apresentações e letras propõe a fluidez ao invés da identificação como mulher ou homem afeminado, pois prefere está no lugar da travesti ou não-binária existindo e resistindo na possibilidade do sujeito.

O gênero é uma construção do “eu” ou um “nós”? Afinal nossas posturas dependem do agenciamento ou aquilo que o “nós” nos permitimos? Precisamos pensar na subjetivação dos gêneros que antecede a nossa condição humana de existência. Somos subjetivados pelos marcadores que nos colocam em lugar e somos convidadas a reiterarmos estes lugares pelas normativas sociais. Nessa reiteração a população LGBT que não cabe é colocado no lugar do não-humano ou que não se torna inteligível, o que percebe-se quando as travestis e transexuais são empurradas para o feminino, as andrógenas, os andrógenos são empurrados para alguma posição para que possa ser compreendido e para isso as normas apoderam desses sujeitos.

Há dificuldade de leituras no sujeito não-binários que tem perguntado há possibilidade de um terceiro gênero? existe? ou nós ainda na nossa capacidade de compreender os gêneros dentro dos moldes pré-estabelecidos somos limitantes para matar, anular e não reconhecer quem está na margem na potencialidade da sua identidade. De acordo com o Grupo Gay da Bahia no ano de 2016, 343 LGBT’S² foram assassinatos no Brasil, 173 eram gays (50%), 144 (42%) trans (travestis e transexuais), 10 lésbicas (3%), 4 bissexuais (1%), incluindo 12 heterossexuais, como os amantes de transexuais. Esses são os crimes que estão notificados, e quantos não são registrados como crimes de ódios e são colocados em outras categorias que invisibiliza a discriminação e preconceito sofrido pela dissidência sexual e gênero. Esses dados corrobora a idéia de Butler (2000) que a construção de gênero atua de meios excludentes, diferentes e desigualdades de forma que o humano é não apenas produzido sobre e contra o inumano, mas através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais, os quais, estritamente falando, recusam a possibilidade de articulação cultural.

Deste modo, não é suficiente afirmar que os sujeitos humanos são construídos, pois a construção do humano é uma operação diferencial que produz o mais e o menos “humano”, o inumano, o humanamente impensável. Esses locais excluídos vêm a limitar o “humano” com seu exterior constitutivo, e a assombrar aquelas fronteiras com a persistente possibilidade de sua perturbação e rearticulação, é só refletirmos que apenas 12 pessoas heterossexuais morreram por serem amantes de pessoas trans como aponta a pesquisa caso não fosse possivelmente não fariam parte delas.

O debate acerca das exclusões e apagamentos da construção do sujeito pelo construcionismo ou essencialismo deixa passar desapercibido o caminho que é possível ser percorrido, mas que não é discutido, é o processo de desconstrução da matriz de relações de gêneros que instaura e retém os sujeitos na fixidez do seu lugar. Para tanto é imprescindível repensar as matrizes já que ela não é única e que essas são (re) interpretadas pelo “eu” individual e coletivo na subjetividade para que possa efetivar a “desconstrução” (BUTLER,2000).As reiterações ou repetições na afirmação do gênero possibilitam fissuras podem ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma, como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma (BUTLER,2000).

² Informações retiradas do site QUEM A HOMOTRANSFOBIA MATOU HOJE: <https://homofobiamata.wordpress.com/quem-somos-3/o-que-e-homofobia/> mantido pelo GGB com objetivo de mapear assassinatos LGBT’S e solicitar juntos aos órgãos competentes que os assassinatos sejam tratados como crime de ódio, além das soluções.

Nessas fissuras que surgem as possibilidades de questionar a rigidez dos sistemas, polaridades dos gêneros e seus lugares fixos, rever os lugares fixos que constituem meninos e meninas sejam as brincadeiras, os discursos, os corpos, instituições, sexualidade. O trabalho doméstico instaurado pelo patriarcado que engessou a mulher e/ou feminino no cuidado e nas obrigações domésticas que reverbera atualmente no dobro da sua jornada de trabalho e pela dificuldade do masculino em reconhecer o trabalho doméstico como não sendo da mulher ou como pontua Rubin (1975) a opressão das mulheres inclusive nos seus relacionamentos afetivos-sexuais que são tratadas como moedas de trocas seja pelo seu pai ou marido que negocia o desejo, corpo e compulsoriamente a heterossexualidade da mulher como objeto no processo chamado de escambo, a mulher torna-se moeda de troca ou como enfatiza Rubin (1975) o tráfico de mulheres.

A partir dessas fissuras que discutem as dissidências sexuais e gênero no contexto escolar, segundo Louro (1997), a escola ensina, separa e institui, informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, das meninas e dos meninos, heterossexuais e homossexuais, sendo lugar de fabricação das diferenças e de práticas educativas homofóbicas, esta fabricação ocorre de maneira sutil, quase imperceptível perpassando pelo controle do corpo e instituindo nele o que é ser menino e menina de modo cotidiano sendo concebido como práticas rotineiras e comuns e tomando as diferenças do construto social como algo natural. Estes comportamentos se encontraram de diversas formas no contexto escolar nas concepções pedagógicas, nos currículos e nos livros didáticos, que ainda trazem representações binárias simplistas, binárias e hierarquizadas de gênero, baseada na heteronormatividade.

A escola na vida das travestis é mais um lugar de exclusão já que não tem possibilidade de afirmação da sua identidade. As instituições educacionais apresentam dificuldades no trato da orientação sexual e de gênero, mostrando-se muitas vezes insegura e perdida diante das cenas que não estão presentes em seus manuais. Desse modo, ratifica os modelos sociais de exclusão por intermédio de ações violentas (discriminação e expulsão) ou de descaso fazendo de conta que nada está acontecendo (não escuta as denúncias).

Mas, quem vai garantir o lugar deste gênero que não pertence à dicotomia normalizadora homem e mulher para ser concebida de maneira saudável pela sociedade? As instituições deveriam preconizar a diversidade e a individualidade de cada sujeito, mas funciona como local que delimita espaços e exclui o diferente.

Atualmente há diversas frentes de batalhas ao machismo, feminicídio, LGBTfobia, mas a gênero é única que perpassa e sustenta essas lutas maiores. Ainda é colocado gênero como sinônimo de mulher, mas é preciso discutir as masculinidades que nunca é problematizada enquanto também da engrenagem gênero que também produz e (re) implica nas formações dos sujeitos. O sistema sexo/gênero tem sido reavaliado pelos trabalhos das teóricas feministas, mas é preciso pensar cada vez mais separados para ampliarmos cada vez mais nas subjetividades dos sujeitos e vivermos numa sociedade saudável para as suas possibilidades.

Por fim, acredito que precisamos de práticas baseadas no feminismo, na liberdade de gênero bem como das expressões sexuais no melhor debate acerca da transgeneriedade e dos gêneros. Há sempre aquela pergunta que ficamos nos questionando: Estamos caminhando para um terceiro gênero, escaparemos do masculino e feminino ou iremos começar a compreender que os gêneros e a suas infinitas possibilidades performartizar sem a

necessidade de reiterar o lugar socialmente estabelecido através dos corpos ou termos a “naturalidade” de entender o corpo como o produto da natureza e que aquilo que chamamos de homem e mulher é produto da nossa cultura que normatiza, vigia e controla as diferenças gerando desigualdades e subordinação entre as/os que atuam na norma e as/os abjetos. Pensar no masculino que não seja frágil que ao ponto de colocar o feminino e as mulheres no lugar subjugado, passivo e querer controlar, que não seja opressor e entenda as vulnerabilidades do seu lugar e o feminino que possa compreender essa mulher como diria Linn Quebrada “pau de mulher”.

Referências

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda Feita: O corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro, RJ. Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem**. ST 16 In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, **Anais**. 2006. Florianópolis-SC.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. (cap. 01).

CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. **Identidade no Envelhecimento de Travestis**. Trabalho apresentado no VI Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e Gênero da ABEH, 1 a 3 de agosto de 2012.

Disponível em: <https://stophomofobia.wordpress.com/2011/04/11/pitty-falasobre-musica-inspirada-no-cartunista-laerte-comum-de-dois/>. Acesso em 30 de setembro de 2017.

FOCAULT, Michael. **História da Sexualidade I: A vontade do Saber**, Rio de Janeiro, edição.1998.

LOURO. Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes. 1997

OAKLEY, Ann. “Sex and Gender”. **Sex, Gender & Society**. New York: Harper, p.: 158-172,1972.

PELUCIO, Larissa Maués. **Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo**. Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 8, volume 15(1): 123-154 (2004),2004.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993. [RUBIN, Gayle. “The Traffic in Women: Notes on the ‘political economy’ of sex.” In: R. Reiter (ed.), **Toward an Anthropology of Women**, New York: Monthly Review Press, 1975, p.:157-210]

SCOTT, Joan Wallach. **“Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica”**. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul-dez.,1995.

SWAIN, Tânia Navarro. **“A invenção do Corpo Feminino.”** In: SWAIN, Tânia Navarro (org.) **Textos de História - Dossiê: Feminismo, teorias e perspectivas**. Brasília: UnB, 2000, v. 8., ½ p. 69